

Allan Kardec - da teoria social à pedagogia espírita

Przemysław P. Grzybowski

Pela educação, portanto, muito mais do que pela instrução, se transformar a humanidade.¹ Allan Kardec

Allan Kardec é o codificador da filosofia espírita. Contudo durante mais da metade de sua vida adulta, conhecida como Hippolyte Léon Denizard Rivail, ele estava ligado com a instrução e a educação da juventude – possivelmente também pelo fato de que na sua vida estiveram presentes pedagogos, cujas ações e ideias puderam ser inspiradoras e modelares. Suas vivências e o profundo pensar sobre a realidade que o cercava, permitiu-lhe conceber elementos de uma teoria social, que se fez parte da filosofia espírita e agora é útil como parte da pedagogia espírita.

A situação política instável da França no período de 1814-1815 obrigou o casal Rivail a enviar o filho ao exterior, onde ele pudesse adquirir em tranquilidade mais vasta educação. Eles elegeram a escola dirigida por Johann Heinrich Pestalozzi em Yverdon (Suíça). Mais tarde, em janeiro de 1823, o jovem voltou à França - a Paris, onde ele tomou seu ofício de instrutor. Então apareceu sua primeira obra pedagógica *Curso Prático e Teórico de Aritmética Segundo os Princípios de Pestalozzi, com Modificação*, recomendada a instrutores e mães, que desejassem instruir as crianças nas regras básicas de aritmética. Em 1825 Rivail dirigia uma escola de primeiro grau fundada por ele mesmo. Um ano depois, ele fundou a Instituição Rivail, chamada também de Instituto Técnico, dirigido segundo o método de J.H.Pestalozzi. Em 14 de agosto de 1834, durante a última fala por ocasião do fechamento solene do ano letivo da escola, entre outras coisas ele disse:

¹ A.Kardec: *Oeuvres posthumes*. Éditions de la B.P.S., Paris 1924, p.426.

“Esforçando-me a qualquer preço para conservar vossa confiança, eu tento reparar aquilo que me pareça desconcertado, adicionando aquilo que na minha opinião é o correto – em uma palavra: utilizar a observação, que eu faço diariamente; porque a educação é a obra de minha vida, e eu preencho todo meu tempo meditando sobre tal coisa; sou feliz encontrando um novo recurso, ou descobrindo uma nova verdade. (...) Educação de crianças consiste não apenas em dar a elas esse ou aquele conhecimento, porém da evolução geral de sua razão; a razão se desenvolve graças às idéias adquiridas, e quanto mais as possuímos, mais capacidade temos de adquirir novas. A maneira de apresentar essas idéias depende portanto da maestria do professor, do talento, segundo o qual ele sabe desenvolver, classificar e ajustar à natureza da razão. Semelhante ao jardineiro atento, ele deve conhecer o terreno, sobre o qual semeia, porque o espírito da criança é o verdadeiro terreno, cuja natureza necessita estudar; e igualmente como o talento do jardineiro não consiste apenas em saber como colocar na terra as plantas, assim o talento do instrutor não se limita apenas ao ensino de bases a serem aprendidas pelo aluno.”²

Nesta fala, Rivail apresentou suas idéias em relação à educação natural. Ele insistia sobre a forma natural (portanto não mecânica e pedante) de instrução; sublinhou o importantíssimo papel dos estudos pedagógicos e a enraizamento da cultura na história do povo e civilização dos alunos. Segundo ele, a arte praticada pelo professor é a arte de criação do homem - arte com natureza filosófica, cujas bases deveria ser duas máximas: “foi o tempo quando apenas a força do braço fazia a lei – hoje o mesmo se faz à força do espírito” e “Aprendendo, trabalha-se pela própria felicidade.” Rivail organizou sua instituição como um ambiente de lar, dirigindo lições e se esforçando para dar a seus alunos o melhor possível preparo para a vida social. A verdadeira vida familiar e as condições brotaram ali, quando em 1832 ele se casou com Amélie-Gabrielle Boudet – igualmente experimentada professora, que o ajudava em sua difícil tarefa. Juntos eles fundaram pequeno educandário para meninas, dirigido pela Senhora Rivail. Fora de suas tarefas diárias de professor, ele se ocupava com gramática, aritmética e pedagogia, traduzia obras, com seu colega David Eugène Lévy-Álvares elaborou programa de estudos para alunos de escolas da cidade de Saint-Germain. Em sua casa, durante o período 1835-1840 ele dirigia cursos de química, física, astronomia, anatomia comparada. Em 1848, Rivail aceitou o cargo de professor e diretor do Liceu Polimático, onde entre outros dirigia lições de fisiologia, astronomia, química e física. Entre as obras de Rivail em diversos períodos, estão livros didáticos, projetos, cadernos de exercícios, compilações, sobre métodos para uso de professores e pais, projetos de reformas endereçado a deputados, autoridades e pedagogos.³

2 H.L.D.Rivail: *Discours prononcé à la distribution des prix du 14 août 1834*. Institution Rivail, Paris 1834, p.1.

3 Veja lista completa em: D.Incontri, P.Grzybowski (org.): *Kardec Educador*. Tex-

Para bem imaginar o grau de importância das obras pedagógicas de Rivail e compreender suas idéias, é necessário notar, que seus estudos e atividades ocorreram em período muito específico. A situação do sistema de ensino da Europa ocidental evoluiu influenciado pelas mudanças progressistas na sociedade. Todo o mundo ocidental marchava na direção da democracia – que não se pode fazer sem mudanças justamente na classe intelectual. Graças a ela, cidadãos puderam adquirir conhecimentos necessários para utilizar e usar o poder. O futuro da democracia dependia do sistema de enriquecimento de programas de instrução. Para que dele aproveitasse o maior número de pessoas, em diversos países, germinaram as idéias sobre a obrigação e a gratuidade da instrução pública. Não mais era possível, que a escola continuasse dependente da Igreja – a educação deveria tornar-se laica, e o Estado deveria deter o poder sobre ela. No começo do século XIX, estas tendências funcionaram apenas como idéias corajosas. O sistema existente e mais numeroso era então o de pequenas escolas (que garantiam em verdade conhecimento básico) e colégios. Estes primeiros serviam principalmente ao povo. Nas escolas era possível aprender a ler, escrever e fazer cálculos e ao mesmo tempo conhecer os fundamentos de prática religiosa e recolhimento, que guiava à criação de um bom cristão (leia-se católico)*. As escolas portanto formavam mentes obedientes ao mesmo tempo às normas religiosas e às leis do Estado. Usufruía delas muito poucas crianças. Somente nos países protestantes do Norte da Europa e do Novo Mundo assentados por imigrantes se notava progresso e conquistas bem sucedidas nessa área. Pouco a pouco começaram a desaparecer as diferenças sexuais entre alunos, primeiramente nas escolas de primeiro grau, depois também nas outras. Crescia também o número de professoras, principalmente nos Estados Unidos e nas colônias britânicas. Começava a melhorar a situação material das escolas; surgiam salas mais confortáveis, mais livros didáticos. Graças aos pedagogos alemães e suíços, começaram a se desenvolver métodos intuitivos e de atividades, que permitiam aos alunos participar no processo de instrução e acompanhar seu mestre ou professor na descoberta da realidade.

As mudanças no sistema educacional francês aconteceram evolutivamente, como nos demais países da Europa ocidental. Contudo, acompanhavam-se de profundas crises, às vezes em ambiente cheio de paixões. A França era então um país de tradição, no qual em qualquer sentido de aristocracia e hierarquia social (ao mesmo tempo a velha e a nova rica), surgiu a existência de nobres profissões (o serviço do estado, o profissional liberal) e de outros – não tão dignos de estima. A evolução do sistema educacional público e de instituições de ensino que se seguiram espelham fielmente as mudanças sociopolíticas do país. A França na época de Rivail era – apesar da existência de minorias religiosas – um país profundamente influenciado pelo

tos Pedagógicos de Hippolyte-Léon-Denizard Rivail. Editora Comenius, Bragança Paulista 2005, p.33-35.

catolicismo. Até os meados do século XIX, com relação à educação, os mais importantes papéis eram levados a efeito pelos burgueses que se baseavam nos ideais de Voltaire, e que depois, pelo conservadorismo, começaram a se refugiar na religião, ou em diversas formas de espiritualismo, de forma que a criança (e até mesmo todo o povo) fosse mantida sob controle da Igreja. A transformação de escolas ligadas com o espírito laico foi portanto fortemente reprimido pelo clero católico que achava que toda evolução do sistema educacional fazia mal à religião dominante e privilegiava outros sistemas de credo. O século XIX na história da França é o período de concorrência de diferentes regimes políticos. O problema do sistema educacional foi um dos temas preferidos das discussões parlamentares. Podemos dizer que, apesar dos esforços pelo controle ideológico sobre o sistema educacional, existia um consenso em relação aos seus objetivos e recursos. Ao se tratar sobre os métodos educacionais de então, a maioria dos professores se esforçavam para limitar a espontaneidade dos alunos. A ação deles se baseava sobre a autoridade e a disciplina era o recurso contra essas demonstrações de protesto ou rebeldia. Apesar de que a liberdade de pensar era tratada como louvável para adultos, ela não era permitida às crianças e jovens. Até mesmo os maiores defensores do pensamento liberal não aceitavam a idéia de que o aprendiz pudesse discutir com o professor.⁴

No fundo das informações acima citadas, as opiniões de Rivail sobre educação e organização do sistema educacional francês, permite localizá-lo em vasto círculo de pessoas que discutiam sobre um dos mais graves problemas de sociedade de então. Sua proposta de mudanças sistemáticas não influenciou na situação. Em nenhuma das obras conhecidas sobre a história do sistema educacional francês se menciona seus conceitos. Uma análise de soluções metodológicas de Rivail permite notar, que ele se situava ao lado dos pedagogos e professores progressistas de seu tempo, que levavam seriamente em conta o bem dos alunos. Na obra *Plano Proposto para melhoria da Educação Pública*⁵ Rivail apresentou principalmente as idéias pestalozzianas, falando sobre a criança influenciada pelo que as rodeavam, e que se desenvolvia, entre outras, graças ao professor, que deveria saber bem direcionar seus interesses. Segundo ele, na educação, o mais importante é a liberdade real da instrução e em relação ao monopólio acadêmico. Diretores de escolas e educandários devem ter o direito de introduzir os objetos de estudos que eles julguem oportunos. De outra forma, quando tudo depende das decisões administrativas, é o Estado que tem o monopólio. Ele notou

4 Veja: Léon A.: *De la Révolution française aux débuts de la III-e République.*

[en:] M. Debesse, G. Mialaret (red.): *Traité des sciences pédagogiques.* Presses Universitaires de France, Paris 1971, vol.2 - *Histoire de la pédagogie*; Prost A.: *Histoire de l'enseignement en France 1800-1967.* Librairie Armand Colin, Paris 1968.

5 Veja: H.L.D. Rivail: *Plan proposé pour l'amélioration de l'éducation publique.* Dentu, Paris 1828.

que o aluno de escolas públicas não tem os mesmos direitos de seus colegas das escolas privadas. Rivail era de opinião que um dos maiores problemas das instituições de ensino de sua época era a falta de educação moral, que segundo ele, possibilitava que a criança se fizesse um bom e honesto cidadão. Sobre a essência da educação ele escreveu: “1. Educação é uma ciência única. 2. Se observamos que muitas pessoas ensinam de forma inadequada, a causa disso é a falta de estudos especializados na área. 3. todos os atrasos com relação à educação se devem atribuir ao fato de que poucas pessoas avaliam seu verdadeiro objetivo, sem compreender o que seja educação; o que ela pode ser e, em conseqüência disso, o que é necessário fazer para que a situação melhore. A educação está agora - em um estado similar ao da química cem anos atrás. Ela é ciência ainda não totalmente constituída cujas bases ainda não estão definidas.”⁶ Para realizar sua idéia, ele propôs a criação de uma escola de pedagogia, teórica e prática com base nos estudos que já funcionavam, de jurisprudência e medicina. No *Plano Proposto...*, Rivail esboça sua opinião sobre o papel da educação e suas circunstâncias no desenvolvimento da sociedade:

- Existem problemas na moral, costumes, maneiras de agir, observar, que passam com a idade – porém isso não é causa para tolerá-los, porque embora no começo (na idade jovem) eles tem menores conseqüências, eles podem conduzir a maiores desvios, provocando impressões perigosas;

- Idéias que dificilmente se perdem, que contentam as paixões humanas ou o amor próprio se fazem fortes com a idade e se fazem menos perceptíveis; necessário, portanto trabalhá-las incessantemente;

- É absurdo olhar as faltas das crianças como sem importância, porque se acham sem importância as circunstâncias, nas quais elas se desenvolvem; até mesmo um pequeno problema de educação pode aumentar, se o negligenciarmos com suas causas, e não reagir logo;

- Nascemos nem cheios de virtudes nem maliciosos, porém mais ou menos inclinados a receber e conservar as impressões que permitam desenvolver as virtudes ou deficiências morais; assim sendo, os deveres dos pais, educadores e do meio de vivência, é colocar em primeiro lugar as coisas da educação, porque da educação depende a felicidade ou infelicidade do homem;

- Dos pais depende a bom meio em torno da criança depois de seu nascimento, que permita deixar espaço para as influências positivas para sua mente e coração, e desfazer as destrutivas; o estado psíquico do homem depende, portanto do meio onde ele evolui;

- Educação é uma arte especial, muito bem distinta de todas as outras e por isso exige estudos especiais. Ela exige capacidades, chamamentos especiais internos e qualidades psíquicas dadas não a toda e qualquer pessoa,

⁶ Conforme: A. Moreil: *Allan Kardec - Sa vie, son oeuvre*. Éditions Vermet, Paris 1989, p.84.

profundo conhecimento do coração e do psiquismo humano, perfeito conhecimento de recursos, os mais convenientes para desenvolver as qualidades psíquicas, físicas e intelectuais. E as capacidades especiais para utilizá-las de maneira correta – portanto nem todos podem e devem ser educadores, professores; essa é uma arte que precisa ser aprendida – e isso não é coisa que seja apenas referente aos profissionais, mas também aos pais;

- Muito importante é a relação entre educação e religião, os recursos para combiná-los porque eles são necessários para o bem do homem e da sociedade; é necessário estudá-las de maneira que reciprocamente apoiada uma sobre a outra, sirvam ao progresso social;

- A educação acontece em todos os momentos da vida; todo pedaço de tempo tem seu valor educacional, mesmo que não seja observável; é necessário, pois, atentar para o preenchimento do tempo.

Das observações acima é possível concluir que, segundo Rivail, a vida humana necessariamente depende da educação. Sobre o estado do homem influenciam sem cessar todas as circunstâncias, nas quais ele se encontra, e por isso é necessário atentar sobre o importantíssimo papel da educação em todos aspectos da vida. As primeiras publicações de Rivail são caracterizadas pelo entusiasmo com relação à instrução e a educação. Ele repete nelas as idéias colhidas de seu mestre em Yverdon e de seus mais gabaritados colegas. Em todas suas obras aparecem fatos relacionados à prática da instrução e necessidades a ela ligadas. Pelo conteúdo e estilo elas são semelhantes a outras obras pedagógicas da época e isso prova, que as idéias de seus autores eram atuais, e que ele se orientou nos problemas do sistema educacional de seu país. As últimas obras pedagógicas de Rivail (primeiras edições), apareceram em 1850 – todas as outras foram desde então ligadas ao espiritismo, embora também elas estejam inevitavelmente conectadas com os interesses pedagógicos do autor.

Em *O Livro dos Espíritos* de Kardec se encontram alguns fragmentos, que têm relação com a educação. Eles são, ou opinião de H.L.D. Rivail, agora oculto sob o pseudônimo, correspondente com suas idéias anteriores – ou dos Espíritos. Preciso mencionar ao menos as mais objetivas citações. Ao primeiro grupo pertence os seguintes fragmentos:

Sobre a essência da educação: “Não basta que se diga ao homem que lhe corre o dever de trabalhar. É preciso que aquele que tem de prover à sua existência por meio do trabalho encontre em que se ocupar, o que nem sempre acontece. Quando se generaliza, a suspensão do trabalho assume proporções de um flagelo, qual a miséria. A ciência econômica procura remédio para isso no equilíbrio entre a produção e o consumo. Mas, esse equilíbrio, dado seja possível estabelecer-se, sofrerá sempre intermitências, durante as quais não deixa o trabalhador de ter que viver. Há um elemento, que se não costuma fazer pesar na balança e sem o qual a ciência econômica não passa

de simples teoria. Esse elemento é a educação, não a educação intelectual, mas a educação moral. Não nos referimos, porém, à educação através de livros e sim à que consiste na arte de formar os caracteres, a que incute hábitos, porquanto a educação é o conjunto dos hábitos adquiridos. Considerando-se o aluvião de indivíduos que todos os dias são lançados na torrente da população, sem princípios, sem freios e entregues a seus próprios instintos, serão de espantar as conseqüências desastrosas que daí decorrem? Quando essa arte for conhecida, compreendida e praticada, o homem terá no mundo hábitos de ordem e de previdência para consigo mesmo e para com os seus, de respeito a tudo o que é respeitável, hábitos que lhe permitirão atravessar menos penosamente os maus dias inevitáveis. A desordem e a imprevidência são duas chagas que só uma educação bem entendida pode curar. Esse o ponto de partida, o elemento real do bem-estar, o penhor da segurança de todos.”⁷

Sobre o livre-arbítrio: “O homem não é fatalmente levado ao mal; os atos que pratica não foram previamente determinados; os crimes que comete não resultam de uma sentença do destino. Ele pode, por prova e por expiação, escolher uma existência em que seja arrastado ao crime, quer pelo meio onde se ache colocado, quer pelas circunstâncias que sobrevenham, mas será sempre livre de agir ou não agir. Assim, o livre-arbítrio existe para ele, quando no estado de Espírito, ao fazer a escolha da existência e das provas e, como encarnado, na faculdade de ceder ou de resistir aos arrastamentos a que todos nos temos voluntariamente submetido. Cabe à educação combater essas más tendências. Fa-lo-á utilmente, quando se basear no estudo aprofundado da natureza moral do homem. Pelo conhecimento das leis que regem essa natureza moral, chegar-se-á a modificá-la, como se modifica a inteligência pela instrução e o temperamento pela higiene.”⁸

Sobre os obstáculos para o progresso da humanidade: “Louváveis esforços indubitavelmente se empregam para fazer que a humanidade progrida. Os bons sentimentos são animados, estimulados e honrados mais do que em qualquer outra época. Entretanto, o egoísmo, verme roedor, continua a ser a chaga social. É um mal real, e se alastra por todo o mundo e do qual cada homem é mais ou menos vítima. Cumpre, pois, combatê-lo, como se combate uma enfermidade epidêmica. Para isso, deve-se proceder como procedem os médicos: ir à origem do mal. Procurem-se em todas as partes do organismo social, da família aos povos, da choupana ao palácio, todas as causas, todas as influências que, ostensiva ou ocultamente, excitam, alimentam e desenvolvem o sentimento do egoísmo. Conhecidas as causas, o remédio se apresentará por si mesmo. Só restará então destruí-las, se não totalmente, de uma só vez, ao menos parcialmente, e o veneno pouco a pouco será eliminado. Poderá ser longa a cura, porque numerosas são as

7 A. Kardec: *O Livro dos Espíritos*. FEB, Rio de Janeiro 1994, p.331..

8 *Ibid.*, pp. 398-399.

causas, mas não é impossível. Contudo, ela só se obterá se o mal for atacado em sua raiz, isto é, pela educação, não por essa educação que tende a fazer homens instruídos, mas pela que tende a fazer homens de bem. A educação, convenientemente entendida, constitui a chave do progresso moral. Quando se conhecer a arte de manejar os caracteres, como se conhece a de manejar as inteligências, conseguir-se-á corrigi-los, do mesmo modo que se apuram plantas novas. Essa arte, porém, exige muito tato, muita experiência e profunda observação. É grave erro pensar-se que, para exercê-la com proveito, baste o conhecimento da Ciência. Quem acompanhar assim o filho do rico, como o do pobre, desde o instante do nascimento, e observar todas as influências perniciosas que sobre eles atuam, em consequência da fraqueza, da incúria e da ignorância dos que os dirigem, observando igualmente com quanta freqüência falham os meios empregados para moralizá-los, não poderá espantar-se de encontrar pelo mundo tantas esquisitices. Faça-se com o moral o que se faz com a inteligência e ver-se-á que, se há naturezas refratárias, muito maior do que se julga é o número das que apenas reclamam boa cultura para produzir bons frutos.”⁹

Evidentemente todo o conteúdo de “O Livro dos Espíritos” tem, além do sentido filosófico, um profundo sentido educativo. Alguns ensinamentos ou sentenças dos espíritos poderiam ser tratados até mesmo como tema de vastos estudos e discussões pedagógicas, pois eles claramente espelham problemas da sociedade na época de Rivail e, paradoxalmente, também de agora.

Sobre as leis sociais: “Uma sociedade depravada certamente precisa de leis severas. Infelizmente essas leis mais se destinam a punir o mal depois de feito, do que a lhes secar a fonte. Só a educação poderá reformar os homens, que, então, não necessitarão mais de leis tão rigorosas”.¹⁰

Sobre a educação moral: “(...) a sociedade é muitas vezes a principal culpada de semelhante coisa¹¹. Demais, não tem ela que velar pela educação moral de seus membros? Quase sempre, é a má educação que lhes falseia o critério, ao invés de sufocar-lhes as tendências perniciosas”.¹²

Sobre o egoísmo: “À medida que os homens se instruem acerca das coisas espirituais, menos valor dão às coisas materiais. Depois, necessário é que se reformem as instituições humanas que os entretêm e excitam. Isso depende da educação”.¹³

9 Ibid., pp. 421-422.

10 Ibid., p. 372.

11 Queda em abandono e miséria por sua própria culpa.

12 Ibid., p. 379.

13 Ibid., p. 419.

A Pedagogia Espírita, embora não seja codificada por Rivail, espelha as idéias acima. Ela diz respeito ao desenvolvimento do homem na sociedade, dependendo da educação – principalmente moral. Os mais graves fatores do processo educacional são as relações humanas, principalmente na família, portanto do ambiente de amadurecimento e crescimento diário. Deles depende a doação de informação (conhecimento), formação de opinião e percepção (portanto, também de suas conseqüências), atividades do homem (o papel de indivíduo na sociedade) e as perspectivas (olhar consciente o futuro). Regras universais que prescrevam a função do homem no mundo e as relações entre o homem e Deus (lei natural), homem e outros homens (lei social), são as características fundamentais da educação, adaptáveis em todas as circunstâncias – independente da cultura, nível de educação, nível de vida material etc. Porque todo homem necessariamente vive na sociedade, portanto entre o homem e a sociedade existem inevitáveis relações recíprocas. Então do caráter e do conteúdo ideológico dessa relação depende o desenvolvimento pessoal humano e o desenvolvimento da sociedade, do meio, em que o homem vive. Os conceitos pedagógicos de Rivail, os elementos de teoria social encontrados na obra de Kardec e as modernas noções tratadas na Pedagogia Espírita indicam o caminho a ser seguido pelos pais, educadores, monitores de sistema de educação e de todas as pessoas interessadas na evolução do próximo e de si mesmos que pode ocorrer, e certamente ocorre, graças à educação.

Bibliografia

INCONTRI D., GRZYBOWSKI P. (org.): *Kardec Educador. Textos Pedagógicos de Hippolyte-Léon-Denizard Rivail*. Editora Comenius, Bragança Paulista 2005.

KARDEC A.: *La libro de la Spiritoj*. FEB, Rio de Janeiro 1989.

KARDEC A.: *Oeuvres posthumes*. Éditions de la B.P.S., Paris 1924.

LÉON A.: *De la Révolution française aux débuts de la III-e République*. [en:] M.DEBESSE, G.MIALARET (red.): *Traité des sciences pédagogiques*. Presses Universitaires de France, Paris 1971, vol.2 - Histoire de la pédagogie;

MOREIL A.: *Allan Kardec - Sa vie, son oeuvre*. Éditions Vermet, Paris 1989.

PROST A.: *Histoire de l'enseignement en France 1800-1967*. Librairie Armand Colin, Paris 1968.

RIVAIL H.L.D.: *Discours prononcé à la distribution des prix du 14 août 1834*. Institution Rivail, Paris 1834.

RIVAIL H.L.D.: *Plan proposé pour l'amélioration de l'éducation publique*. Dentu, Paris 1828.

Fontes diversas

AUBRÉE M., LAPLANTINE F.: *La table, le livre et les Esprits - Naissance, évolution et actualité du mouvement social spirite entre France et Brésil*. Éditions Lattès - Société Nouvelle Firmin-Didot, Paris 1990.

BERALDI COLOMBO C.: *Idéias sociais espíritas*. Comenius - IDEBA, São Paulo - Salvador 1998.

- FONTELLA G.: *Sociedade, comportamento e filosofia na visão espírita*. Sulina, Porto Alegre 1998.
- GRZYBOWSKI P.: *Rivail kaj edukado. Pedagogiaj ideoj kaj aktivado de la sistemi-ginto de spiritismo*. Editora Comenius, Bragança Paulista 2004.
- INCONTRI D.: *A educação segundo o espiritismo*. Feesp, São Paulo 1997.
- INCONTRI D.: *Pedagogia espírita. Um projeto brasileiro e suas raízes*. Comenius, Bragança Paulista 2004.
- INCONTRI D.: *Vivências na escola. A prática da Pedagogia Espírita*. Comenius, Bragança Paulista 2005.
- LOBO N.: *Espiritismo e educação*. FESPE, Vitória 1995.
- LOBO N.: *Filosofia Espírita da Educação*. FEB, Rio de Janeiro 1995, t.1-5.
- LOBO N.: *Filosofia Social Espírita*. FEB, Rio de Janeiro 1996.
- OLIVEIRA Alves W.: *Educação do Espírito: introdução à pedagogia espírita*. IDE, Araras 2002.
- OLIVEIRA ALVES W.: *Introdução ao estudo da pedagogia espírita: teoria e prática*. IDE, Araras 2000.
- PIRES J.H.: *Pedagogia espírita*. Edicel, São Paulo 1985.
- RIVAIL H.L.D.: *Cours Pratique et Théorique d'arithmétique, d'après la méthode de Pestalozzi, avec modifications*. Imprimerie de Pillot Aîné, Paris 1824, vol.1-2.
- RIVAIL H.L.D.: *Discours prononcé à la distribution des prix du 14 août 1834*. Institution Rivail, Paris 1834
- RIVAIL H.L.D.: *Projet de réforme concernant les examens et les maisons d'éducation des jeunes personnes, suivi d'une proposition touchant l'adoption des ouvrages classiques par l'Université, au sujet du nouveau projet de loi sur l'enseignement*. Chez l'Auteur, Paris 1847.
- WANTUIL Z., THIESEN F.: *Allan Kardec - o educador e o codificador*. FEB, Rio de Janeiro 2004, vol.1-2.
-